



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
<http://www.cecs.uminho.pt>

Enviesamentos na percepção dos grupos sociais: o papel da posição social e do contexto*

Rosa Cabecinhas

Professora Auxiliar

cabecinhas@ics.uminho.pt

Universidade do Minho
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
Campus de Gualtar
4710-057 Braga
Portugal

*CABECINHAS, R. (1996) "Enviesamentos na percepção dos grupos sociais. O papel da posição social e do contexto", *Análise Psicológica* XVI (1), 73-86. Lisboa: ISPA.

Enviesamentos na percepção dos grupos sociais: o papel da posição social e do contexto*

INTRODUÇÃO

O estudo dos estereótipos sociais tem assumido um papel central no âmbito da psicologia social. Se por um lado, os estereótipos são instrumentos que ajudam o indivíduo na simplificação, organização e previsão de um mundo de outro modo excessivamente complexo, por outro, os estereótipos podem ter consequências nefastas a nível das relações intergrupais. Compreender os estereótipos, os seus efeitos e os processos que conduzem à sua formação, manutenção e mudança é, portanto, uma tarefa de extrema relevância para os psicólogos sociais.

As primeiras pesquisas sobre estereótipos focalizaram-se no seu *conteúdo*, sendo estes conceptualizados em termos de traços prototípicos de um dado grupo social (e.g., Katz & Braly, 1933; Gilbert, 1951). Nesta perspectiva, o estudo dos estereótipos centrava-se essencialmente na *tendência central percebida* do grupo em vários traços.

Posteriormente, com o desenvolvimento da psicologia cognitiva, os investigadores começaram a debruçar-se sobre os *processos* em detrimento dos conteúdos (e.g., Hamilton, 1979; Snyder, 1981). A pesquisa sobre os processos de formação, manutenção e mudança dos estereótipos e as suas implicações nas interações sociais, tornou notória a necessidade de ter em conta não só a *tendência central percebida* de um grupo, mas também a *variabilidade grupal percebida*, isto é, o grau em que os indivíduos julgam o grupo como relativamente heterogéneo ou homogéneo.

Na opinião de diversos autores (e.g., Oakes, Haslam & Turner, 1994; Park, Judd & Ryan, 1991; Sedikides & Ostrom, 1993) o estudo da variabilidade grupal percebida é

*Este artigo apresenta dois estudos experimentais realizados no âmbito da dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Organizacional intitulada: *Assimetrias na percepção dos outros - Para uma abordagem psicossociológica do processamento da informação sobre grupos sociais*.

A autora agradece à Prof.^a Lúcia Amâncio, que orientou a sua dissertação, e também ao Prof. Fabio Lorenzi-Cioldi, pelos seus comentários críticos e sugestões. Agradece igualmente a todos os estudantes que participaram voluntariamente nas experiências.

crucial para uma completa compreensão do processo de estereotipia. Como referem Park, Judd e Ryan: "Perceived group variability is important if we are to understand the process questions of how stereotypes develop, how they are used, and how they change" (1991, p .213).

Ora, neste trabalho debruçamo-nos precisamente sobre a percepção da variabilidade grupal. Analisámos alguns enviesamentos que ocorrem na percepção dos grupos sociais, com particular destaque para o *efeito de homogeneidade do outgroup*. Este efeito tem sido conceptualizado como a tendência para perceber o grupo dos outros como mais homogéneo do que o grupo de pertença (e.g., Linville, Salovey & Fischer, 1986; Mullen & Hu, 1989; Park & Rothbart, 1982), o que é representado pela expressão "*they all look alike but we don't*" (Quattrone & Jones, 1980, p. 142).

A maior parte da pesquisa sobre a variabilidade grupal percebida, conduzida no quadro de referência da cognição social (e.g., Linville, Salovey & Fischer, 1986; Linville, Fischer & Salovey, 1989; Linville & Fischer, 1993; Judd & Park, 1988; Park & Judd, 1990; Kraus, Ryan, Judd, Hastie & Park, 1993; Ostrom, Carpenter, Sedikides & Li, 1993; Kashima & Kashima, 1993), tem demonstrado repetidamente o *efeito de homogeneidade do outgroup*.

Estes estudos tem-se focalizado preferencialmente nos níveis de análise (Doise, 1982, 1984) intra-individual (os processos cognitivos) e situacional (a consideração das posições relativas observador/observado em termos de *ingroup/outgroup*, mas em que as pertenças grupais são considerados como intermutáveis). Contudo, recentemente, alguns autores (e.g., Lorenzi-Cioldi & Doise, 1990; Lorenzi-Cioldi, 1993) têm enfatizado a pertinência dos níveis de análise posicional e ideológico para uma melhor compreensão dos complexos padrões de homogeneidade e diferenciação observados. Na opinião destes autores, quando o contexto e a natureza das relações intergrupais são tidos em conta, levantam-se sérias dúvidas quanto à simetria e universalidade do *efeito de homogeneidade do outgroup*.

Revisões de literatura recentes têm demonstrado que, embora na maior parte dos casos o grupo dos outros seja percebido como mais homogéneo do que o grupo de pertença, "under certain conditions perceptions of group homogeneity are stronger with respect to ingroups rather than outgroups" (Krueger, 1992, pp. 32-33). Na opinião de Simon, "the outgroup homogeneity effect (...) is by no means a universal law (...)" (1992, p.1). Complexos padrões de homogeneidade e de diferenciação podem acontecer dependendo da natureza das relações intergrupais (e.g., Lorenzi-Cioldi, 1988; Lorenzi-Cioldi & Doise, 1990; Quattrone, 1986).

Um dos objectivos deste trabalho foi verificar se *efeito de homogeneidade do outgroup* se manifesta de forma simétrica ou se, pelo contrário, o estatuto dos grupos em presença constitui um factor modelador da percepção do grupo de pertença e do grupo dos outros, conduzindo a enviesamentos assimétricos conforme a pertença ao grupo "dominante" ou ao grupo "dominado".

Assim, neste trabalho tivemos em conta dois critérios de categorização: o racial (branco/negro) e o sexual (homem/mulher). A escolha destes grupos prende-se com o facto destas categorizações nos permitirem explorar o papel mediador do estatuto social na percepção da variabilidade grupal. De facto, estes correspondem a grupos reais, com uma história, um passado de relações e posicionamentos sociais relativos - dominante *versus* dominado - cujo peso contribui para a saliência destas categorizações. Inúmeras investigações empíricas e abordagens teóricas podem ser citadas como ilustrativas dessa relação assimétrica, quer relativamente ao género (e.g., Amâncio, 1994; Deschamps, 1982; Hurtig & Pichevin, 1990; Hurtig & Pichevin, 1995; Lorenzi-Cioldi, 1988; Lorenzi-Cioldi & Doise, 1990) quer relativamente aos grupos étnicos (e.g., Deschamps, 1982; Doise, 1976-84; Doise & Lorenzi-Cioldi, 1989; Tajfel, 1981-83).

No âmbito da realidade portuguesa, alguns estudos ilustram a relação dominante *versus* dominado no que diz respeito ao género (e.g., Amâncio, 1994). Relativamente aos grupos étnicos, não conhecemos estudos da psicologia social que explorem esta

temática. No entanto, existe investigação sociológica que aponta para uma posição desfavorecida dos negros em Portugal (e.g., Machado, 1992), o que nos leva a supor que tal se manifestará ao nível das identidades e ao nível da percepção da variabilidade interpessoal e intergrupala.

Outro dos nossos objectivos foi verificar se a saliência dos critérios de categorização racial e sexual é sensível a variações de contexto. Diversos autores consideram que há certas categorias que são altamente acessíveis e difíceis de suprimir, em particular a "raça" e o género (e.g., Messick & Mackie, 1989; Park & Rothbart, 1982). Assumindo que essas categorias são extremamente salientes e que são automaticamente codificadas (e.g., Fiske & Neuberg, 1990), possivelmente elas são insensíveis a variações de contexto, contrariamente a outras categorizações que não estão ancoradas em sistemas simbólicos (tais como a cor do cabelo ou o estilo de vestuário).

No entanto, outros autores pressupõem que os factores de "contexto" (tais como instruções dadas ao sujeito, natureza das tarefas imediatamente precedentes ou objectivos do indivíduo na situação particular) aumentam a "acessibilidade situacional" de uma categorização específica, incrementando o uso dessa categorização nessa situação (e.g., Van Knippenberg, Van Twuryver & Pepels, 1992).

Tendo em conta estes objectivos realizámos dois estudos experimentais, que consistiram em versões adaptadas do paradigma experimental de Taylor, Fiske, Etcoff e Ruderman (1978) em situações de saliência dos critérios de categorização racial (branco/negro: Estudo 1) e sexual (homem/mulher: Estudo 2).

No paradigma original, os sujeitos escutam uma gravação com uma pequena discussão e, simultaneamente, observam diapositivos com as fotografias dos participantes, à medida que estes intervêm. Neste caso, por motivos técnicos, efectuámos uma pequena adaptação que consistiu no seguinte: em vez da projecção dos

diapositivos é exibido um pequeno vídeo (3'14") que reproduz esta situação. Isto é, os sujeitos vêem um vídeo que consiste na gravação de uma pequena discussão entre seis pessoas, sendo que à medida que cada pessoa faz determinada afirmação, a sua fotografia aparece no écran.

Os participantes na discussão (sujeitos-estímulo) são membros de dois grupos: negros e brancos (Estudo 1); homens e mulheres (Estudo 2). Depois de escutarem a gravação, os sujeitos experimentais (brancos e negros no Estudo 1 e homens e mulheres no Estudo 2) recebem uma lista com todas as frases efectuadas na discussão (em desordem) e as fotografias de todos os participantes. A tarefa dos sujeitos consiste em emparelhar as frases com as fotografias apropriadas.

Hipóteses

1. A ideia subjacente a este paradigma experimental é simples: se a cor da pele (Estudo 1) e o sexo da pessoa (Estudo 2) são usados como base para codificar e armazenar a informação, então os sujeitos deverão ser capazes de recordar *se* foi um homem branco ou um homem negro (Estudo 1), um homem ou uma mulher (Estudo 2), a fazer uma determinada afirmação, mas não necessariamente *qual* a pessoa que fez essa afirmação.

Esta tarefa permite o cálculo, para cada sujeito, de dois tipos de erros: uma frase pode ser atribuída a um outro membro do mesmo grupo (erro intracategorial) ou a um membro do outro grupo (erro intercategorial). Os *erros intracategoriais* denotam um tratamento da informação indiferenciado do outro dentro do grupo, enquanto que os *erros intercategoriais* denotam o aspecto oposto, isto é, a insensibilidade do indivíduo à pertença categorial do outro.

Segundo a teoria da categorização social (Tajfel, 1972), a presença de uma classificação conduz ao exagero perceptivo das semelhanças intracategoriais e das diferenças intercategoriais entre os estímulos: efeito de acentuação. Este processo

traduz-se, no paradigma de Taylor *et al.* (1978), por uma quantidade elevada de erros intracategoriais relativamente à quantidade de erros intercategoriais. De acordo com as suas predições, Taylor *et al.* (1978) e outros investigadores (e.g., Arcuri, 1982; Hewstone *et al.*, 1991; Lorenzi-Cioldi, 1993) encontraram um maior número de erros intracategoriais do que de erros intercategoriais. Daqui decorre a nossa primeira hipótese: espera-se um maior número de erros intracategoriais do que de erros intercategoriais, em qualquer das condições experimentais.

2. Neste estudo pretendemos também explorar o impacto do contexto na saliência das categorizações racial (Estudo 1) e sexual (Estudo 2). A operacionalização do contexto foi efectuada a partir do tema de discussão entre os participantes. Assim, cada um dos estudos tem duas condições de discussão: tema relevante para a categorização ("relações entre grupos étnicos" no Estudo 1 e "namoro" no Estudo 2); e tema irrelevante para a categorização ("vida académica" em ambos os estudos). Na opinião de Lorenzi-Cioldi (1993), a manipulação dos contextos pertinentes permite ancorar as percepções na realidade social e desta forma activar de forma mais eficaz a categorização *ingroup/outgroup*, o que nos permite formular a segunda hipótese: espera-se um maior número de erros intracategoriais na condição "tema relevante" ("relações entre grupos étnicos" no Estudo 1 e "namoro" no Estudo 2) do que na condição "tema irrelevante" ("vida académica" em ambos os estudos) e, simultaneamente, um menor número de erros intercategoriais na condição "tema relevante" do que na condição "tema irrelevante".

3. Este paradigma experimental permite-nos igualmente avaliar o *efeito de homogeneidade do outgroup*. Este efeito traduz-se no paradigma de Taylor *et al.* (1978) por um maior número de erros intracategorias em relação aos membros do grupo dos outros (erros intra-OUT) do que em relação aos membros do grupo de pertença (erros intra-IN), isto é, os sujeitos são capazes de fazer discriminações mais finas dentro do seu

grupo de pertença (Lorenzi-Cioldi, 1993). Embora Taylor *et al.* (1978) não tenham encontrado fundamento para esta hipótese, vários estudos posteriores vieram demonstrar este fenómeno. Assim, formulámos a seguinte hipótese: espera-se um maior número de erros intracategoriais em relação ao grupo dos outros (erros intra-OUT) do que em relação ao grupo de pertença (erros intra-IN).

4. Como já referimos, Lorenzi-Cioldi (1988, 1993) considera que o *estatuto* dos grupos em presença constitui um factor modelador da percepção da variabilidade dos grupos sociais: os grupos dominantes enfatizam a distintividade individual e a diferenciação interpessoal, enquanto os grupos dominados salientam a indiferenciação dos seus membros, definem-se e são definidos pelos outros em termos de características holísticas que distinguem o seu grupo dos outros grupos. Neste sentido, pode esperar-se que os grupos dominantes manifestem o *efeito de homogeneidade do outgroup* de forma mais intensa do que os grupos dominados. Lorenzi-Cioldi (1993) verificou esta hipótese da assimetria das categorias sociais ao nível do *efeito de homogeneidade do outgroup* num estudo com rapazes (grupo dominante) e raparigas (grupo dominado), utilizando uma versão adaptada do paradigma de Taylor *et al.* (1978). Os resultados deste estudo forneceram algum fundamento à hipótese da assimetria: o *efeito de homogeneidade do outgroup* manifestou-se de forma mais intensa nos homens do que nas mulheres, embora esta diferença tenha sido apenas ligeiramente significativa.

Assim, formulámos a quarta hipótese: espera-se um maior número de erros intra-OUT da parte do grupo dominante (brancos no Estudo 1 e homens no Estudo 2) do que da parte do grupo dominado (negros no Estudo 1 e mulheres no Estudo 2), isto é, espera-se que o *efeito de homogeneidade do outgroup* seja mais pronunciado no grupo dominante do que no grupo dominado.

5. Nestes dois estudos foram também recolhidos dados relativos à identificação do sujeito com o seu grupo de pertença. Trata-se de uma variável que funciona como um

indicador da saliência da pertença grupal. Neste sentido, cada sujeito respondeu a uma escala de identificação².

Uma vez que a identidade dominada se define sobretudo em função da categoria de pertença, enquanto que a identidade dominante se define sobretudo em termos de singularidade pessoal (Deschamps, 1982; Lorenzi-Cioldi, 1988), formulámos a seguinte hipótese: espera-se que os membros dos grupos dominados se sintam mais identificados com o seu grupo de pertença do que os sujeitos dos grupos dominantes.

ESTUDO 1

Método

Sujeitos e design

Participaram neste estudo 56 estudantes da Universidade do Minho, 29 brancos e 27 negros, todos do sexo masculino (idade média 23 anos), sendo a sua colaboração voluntária³.

Este estudo teve o seguinte plano factorial: 2 (grupo étnico do sujeito: branco/negro) x 2 (tema de discussão: "relações entre grupos étnicos"/"vida académica") x [2 (grupo étnico dos sujeitos-estímulo: branco/negro)]. Os sujeitos de cada grupo étnico foram distribuídos aleatoriamente pelas duas condições de discussão.

Material-estímulo

2. Na escala de identificação os sujeitos deveriam indicar a importância atribuída à pertença ao grupo em causa, usando a seguinte escala: 1 = "não pertença a este grupo"; 2 = "Pertença a este grupo, mas isso não tem qualquer importância para mim"; 3 = "Pertença a este grupo, e isso é importante para mim"; 4 = "Pertença a este grupo, e isso é importantíssimo para mim". No Estudo 1 foram consideradas as respostas dos sujeitos relativamente às nacionalidades (portugueses, angolanos, cabo-verdianos, guineenses, moçambicanos e são-tomenses) enquanto no Estudo 2 considerámos as respostas relativas ao grupo de pertença sexual (homens, mulheres).

3. Neste estudo participaram também alguns sujeitos do sexo feminino, cujos resultados foram eliminados, dada a impossibilidade de considerar a variável sexo dos sujeitos. Foram também eliminados todos os sujeitos com dupla-nacionalidade, portuguesa e outra, e os sujeitos portugueses com naturalidade africana.

As afirmações efectuadas pelos sujeitos-estímulo, em ambos os temas de discussão, foram seleccionadas a partir da gravação de duas discussões reais envolvendo um grupo de seis estudantes, três negros e três brancos. Foram seleccionadas doze frases (duas por participante), em cada tema de discussão, de acordo com os seguintes critérios: a simplicidade e clareza de formulação; a uniformidade de extensão; e cujo conteúdo não permitisse identificar o grupo étnico do seu emissor. Cada participante foi aleatoriamente designado para fazer duas afirmações durante a discussão. Não houve qualquer menção à "raça" na discussão sobre "vida académica" nem à "vida académica" na discussão sobre "relações entre grupos étnicos".

As fotografias dos sujeitos-estímulo (tanto brancos como negros) foram recolhidas na cidade de Lisboa⁴ para reduzir ao mínimo a possibilidade de algum sujeito experimental conhecer algum sujeito-estímulo. As fotografias, de jovens da mesma faixa etária dos sujeitos experimentais, foram seleccionadas de acordo com os seguintes critérios: os jovens não mostram qualquer expressão facial particular, não possuem nenhuma característica somáticas notáveis, nem marcas particulares, usam vestuário informal (camisa) e os rapazes brancos são todos morenos⁵. Foi efectuada uma fotomontagem para que as fotografias tivessem todas o mesmo fundo branco. As seis fotografias escolhidas, três de rapazes brancos e três de rapazes negros, foram filmadas para a "tarefa de aprendizagem" e reproduzidas 20 vezes em fotografias tipo passe (4x5cm) para a "tarefa de reconhecimento".

Foram realizados dois vídeos (um para cada condição de discussão). As fotografias utilizadas são as mesmas em ambos os vídeos, só diferem as afirmações que com elas estão sincronizadas. Em ambos os vídeos cada fotografia aparece durante 15 segundos, seguida de uma pequena pausa, de 1 segundo. Cada fotografia surge duas

⁴. Estas experiências foram realizadas na Universidade do Minho.

⁵.Tivemos este cuidado, no sentido de reduzir a variabilidade das características físicas dos sujeitos-estímulo brancos, uma vez que poderia ser argumentado que os sujeitos-estímulo negros eram *objectivamente* menos variáveis do que os sujeitos-estímulo brancos.

vezes numa ordem aleatória, sincronizada com uma determinada afirmação, que é proferida com um voz diferente para cada fotografia.

Procedimento

Os sujeitos participaram em pequenos grupos e foram testados sempre pela mesma experimentadora. No início, foram convidados a participar numa experiência sobre percepção de pessoas, sendo-lhes dito que iriam ver um vídeo com uma série de afirmações efectuadas por seis pessoas envolvidas numa discussão de grupo. Foi-lhes dito também que deveriam prestar atenção ao vídeo, pois ser-lhes-iam feitas questões posteriormente.

Terminada a apresentação do vídeo, cada sujeito recebeu um envelope com as seis fotografias dos sujeitos-estímulo (por baixo de cada fotografia estava um número) e um questionário com todas as afirmações efectuadas pelos sujeitos-estímulo. Em frente a cada afirmação estava um espaço em branco, sendo a tarefa dos sujeitos inserir o número da fotografia da pessoa que fez cada afirmação nesse espaço. Terminada esta tarefa, os sujeitos preenchiam a escala de identificação.

No final, a experimentadora dava uma breve explicação sobre os objectivos do estudo, respondia a eventuais questões dos sujeitos e agradecia a sua participação.

Resultados

Previamente à análise dos erros dos sujeitos fizemos uma correcção nos dados, que consistiu em multiplicar, para cada sujeito, o número de erros intercategoriais por dois terços, tal como foi efectuado por Taylor *et al.* (1978), no sentido de corrigir as diferentes probabilidades de ocorrência dos erros intra e intercategoriais⁶.

⁶. Num grupo de seis sujeitos-estímulo, três negros e três brancos, qualquer afirmação pode: ser correctamente atribuída a um participante; ser incorrectamente atribuída a um dos dois participantes do mesmo grupo étnico - erro intracategorial; ou ser incorrectamente atribuída a qualquer um dos três participantes do outro grupo étnico - erro intercategorial. Assim, as comparações erros intra *versus* intercategoriais foram corrigidas, multiplicando, para cada sujeito, os erros intercategoriais por 2/3.

Uma análise de variância (ANOVA) dos erros dos sujeitos, com o tipo de erro como variável *within-subjects* (erros intra vs. intercategoriais), o grupo étnico dos sujeitos experimentais (branco vs. negro) e o tema de discussão (relevante vs. irrelevante para a categorização) como variáveis *between-subjects*, indicou um efeito principal bastante significativo do tipo de erro ($F(1,52) = 28.54, p < .001$). Isto é, de acordo com a Hipótese 1, verificou-se um significativo efeito de acentuação: o número de erros intracategoriais ($M = 3.89$) foi significativamente superior ao número de erros intercategoriais ($M = 1.90$), como se pode verificar na Tabela 1.

Esta análise de variância produziu ainda a interacção prevista (Hipótese 2) entre o tipo de erro e o tema de discussão ($F(1,52) = 4.33, p < .05$), no sentido de um efeito de acentuação mais forte na condição "tema relevante" ("relações entre grupos étnicos") do que na condição "tema irrelevante" ("vida académica").

Estes resultados indicam que os sujeitos usaram a categorização racial como estratégia para codificar e memorizar a informação, sendo a saliência desta categorização afectada pelo contexto: a categorização racial tornou-se mais saliente quando o tema da discussão era relevante para a categorização.

=== inserir tabela 1 ===

Uma análise de variância dos erros dos sujeitos, com o tipo de erro intracategorial (intra-IN vs. intra-OUT) como variável *within-subjects*, o grupo étnico dos sujeitos e o tema de discussão como variáveis *between-subjects*, produziu um efeito principal do tipo de erro intracategorial ($F(1,52) = 11.78, p = .001$), o que demonstra um *efeito de homogeneidade do outgroup* significativo. Como se pode verificar na Tabela 2, no conjunto da amostra, o número de erros intra-IN ($M = 1.59$) foi significativamente inferior ao número de erros intra-OUT ($M = 2.30$), isto é, os sujeitos confundiram mais os membros do grupo dos outros do que os membros do grupo de pertença (Hipótese 3).

=== inserir tabela 2 ===

Para além do efeito principal do tipo de erro intracategorial, esta análise de variância produziu ainda um efeito de interação significativo entre o grupo étnico do sujeito e o tipo de erro intracategorial ($F(1,52) = 14.58, p < .001$), no sentido previsto pela Hipótese 4. Como se pode verificar na Tabela 2, enquanto os brancos homogeneízam os negros em qualquer das condições experimentais, os negros apresentam um *efeito de homogeneidade do ingroup* na condição "vida académica", isto é, apresentam maior número de erros intra-IN do que intra-OUT. Ou seja, globalmente, os sujeitos-estímulo negros são mais homogeneizados, tanto pelos sujeitos experimentais brancos como negros.

A Figura 1 apresenta os dados relativos à identificação dos sujeitos com o seu grupo de pertença. De uma maneira geral, os negros atribuem maior importância à sua pertença grupal do que os brancos ($X^2 = 6.045, p < .05; g.l. = 2$), o que confirma a hipótese da maior saliência da pertença nas identidades dominadas (Hipótese 5).

=== inserir figura 1 ===

ESTUDO 2

Método

Sujeitos e design

Participaram neste estudo 82 estudantes universitários, 40 de sexo masculino e 42 de sexo feminino (idade média 21 anos), tendo sido aleatoriamente distribuídos pelas duas condições experimentais.

Este estudo teve o seguinte plano factorial: 2 (grupo étnico do sujeito: branco/negro) x 2 (grupo étnico do protagonista: branco/negro) x 2 (desejabilidade social do comportamento: favorável/desfavorável).

Material-estímulo

As afirmações efectuadas pelos sujeitos-estímulo, em ambos os temas de discussão, foram seleccionadas a partir da gravação de duas discussões reais envolvendo um grupo de seis estudantes, três rapazes e três raparigas. Foram seleccionadas doze frases (duas por participante) para cada tema de discussão, de acordo com os mesmos critérios referidos no Estudo 1. Não houve qualquer menção ao sexo na discussão sobre "vida académica" nem à "vida académica" na discussão sobre "namoro".

Relativamente à selecção das fotografias, de rapazes e raparigas da mesma faixa etária dos sujeitos-experimentais, os cuidados foram semelhantes aos descritos para o Estudo 1. Novamente, foram tomadas algumas precauções para que a variabilidade das características físicas dos dois grupos fosse o mais reduzida possível. Assim, todos os sujeitos-estímulo seleccionados, três rapazes e três raparigas, são morenos. Todos os rapazes têm os cabelos curtos e todas as raparigas os cabelos compridos.

A montagem dos dois vídeos (um para cada condição de discussão) obedeceu às mesmas regras descritas para o Estudo 1, assim como a reprodução das fotografias para a "tarefa de reconhecimento".

Procedimento

O procedimento foi idêntico ao descrito para o Estudo 1. Apenas diferiu no material-estímulo (o vídeo para cada condição de discussão) que era apresentado aos sujeitos, nas fotografias da "tarefa de reconhecimento" e nos questionários de resposta.

Resultados

Tal como no Estudo 1, previamente a qualquer análise dos erros, multiplicámos os erros intercategoriais de cada sujeito por dois terços, para corrigir as probabilidades de ocorrência dos erros intra e intercategoriais.

==== inserir tabela 3 ====

Uma análise de variância, com o tipo de erro como variável *within-subjects* (erros intra vs. intercategoriais), o sexo dos sujeitos (homem vs. mulher) e o tema de discussão (relevante vs. irrelevante para a categorização) como variáveis *between-subjects*, indicou um efeito principal bastante significativo do tipo de erro ($F(1,78) = 52.78$, $p < .001$). Isto é, de acordo com a Hipótese 1, verificou-se um significativo efeito de acentuação: o número de erros intracategoriais ($M = 2.85$) foi significativamente superior ao número de erros intercategoriais ($M = 1.25$), como se pode verificar na Tabela 3.

A análise de variância não revelou a prevista interacção significativa entre o tipo de erro e o tema de discussão (Hipótese 2), isto é, o efeito de acentuação não foi significativamente mais forte na condição "tema relevante" ("namoro") do que na condição "tema irrelevante" ("vida académica"). De facto, embora o número de erros intracategoriais seja superior na condição "namoro" ($M = 2.89$) do que na condição "vida académica" ($M = 2.83$) e, simultaneamente, o número de erros intercategoriais seja inferior na condição "namoro" ($M = 1.16$) do que na condição "vida académica" ($M = 1.32$), tal interacção não é estatisticamente significativa.

Estes resultados indicam que os sujeitos usam a categorização sexual como estratégia para codificar e memorizar a informação, não sendo a saliência desta categorização afectada significativamente pelo contexto.

Com o objectivo de examinar o *efeito de homogeneidade do outgroup* realizámos uma análise de variância, com o tipo de erro intracategorial (intra-IN vs. intra-OUT) como variável *within-subjects*, o sexo dos sujeitos e o tema de discussão como variáveis *between-subjects*. Contrariamente às nossas expectativas (Hipótese 3), esta análise não produziu um efeito estatisticamente significativo do tipo de erro intracategorial. De notar, no entanto, que isto se deve sobretudo aos resultados obtidos pelas mulheres, que inverteram o padrão usual dos resultados, fazendo aumentar consideravelmente o número de erros intra-IN, como prevíamos na Hipótese 4 - mas numa intensidade que ultrapassou as nossas expectativas. Assim, a Hipótese 3 - ocorrência do *efeito de homogeneidade do outgroup* - só se verificou no grupo dos homens, que apresentam uma média de erros intra-IN ($M = 1.13$) inferior à média de erros intra-OUT ($M = 1.83$).

=== inserir tabela 4 ===

Esta análise de variância produziu um significativo efeito de interacção entre o sexo do sujeito e o tipo de erro intracategorial ($F(1,78) = 16.14, p < .001$), no sentido previsto pela Hipótese 4. Como se pode verificar na Tabela 4, enquanto os homens homogeneízam as mulheres em qualquer das condições experimentais, as mulheres apresentam um *efeito de homogeneidade do ingroup*, isto é, apresentam maior número de erros intra-IN do que intra-OUT, em qualquer das condições experimentais. Assim, globalmente, os sujeitos-estímulo mulheres são mais homogeneizados, tanto pelos sujeitos experimentais homens como mulheres.

=== inserir figura 2 ===

A Figura 2 apresenta os dados relativos à identificação do sujeito com o grupo de pertença. De uma maneira geral, as mulheres atribuem maior importância à sua pertença

grupala do que os homens (38.1% das mulheres afirma que a pertença grupala é importantíssima para si *versus* 25.0% dos homens, e apenas 9.5% das mulheres afirma que a pertença grupala não tem qualquer importância para si *versus* 32.5% dos homens), o que vai no sentido da maior saliência da pertença para o grupo cuja identidade é dominada ($X^2 = 6.746$, $p < .05$; g.l. = 2), tal como se verificou no estudo anterior (Hipótese 5).

Discussão geral

Os resultados destes dois estudos evidenciam claramente o efeito de acentuação: os sujeitos cometeram um número de erros intracategoriais significativamente superior ao número de erros intercategoriais, em qualquer das condições experimentais, em ambos os estudos. Isto significa que os sujeitos usaram a categorização racial (Estudo 1) e sexual (Estudo 2) como estratégia para codificar, armazenar e recuperar a informação.

Relativamente à saliência das categorizações envolvidas, é de notar que a categorização racial foi significativamente afectada pelo contexto: verificou-se uma maior proporção de erros intracategoriais relativamente aos erros intercategoriais na condição "tema relevante" ("relações entre grupos étnicos") do que na condição "tema irrelevante" ("vida académica"). Em contrapartida, a categorização sexual não foi significativamente afectada pelo contexto: a proporção de erros intracategoriais relativamente aos erros intercategoriais não foi significativamente maior na condição "tema relevante" ("namoro") do que na condição "tema irrelevante" ("vida académica").

Globalmente, estes resultados parecem ir ao encontro dos obtidos em diversos estudos que comparam directamente as duas categorizações e que apontam para o facto de, embora ambas sejam extremamente poderosas e "crónicamente acessíveis", a categorização sexual é de natureza mais forte do que a racial (e.g., Fiske & Stevens, 1993; Fiske, Haslam & Fiske, 1991; Stangor, Lynch, Duan & Glass, 1992).

No que respeita ao *efeito de homogeneidade do outgroup*, os resultados destes estudos evidenciam que este enviesamento é modelado pela natureza das relações intergrupais. Este efeito manifesta-se de forma robusta nos membros dos grupos dominantes - brancos (Estudo 1) e homens (Estudo 2) -, mas de forma ténue, ou mesmo invertida, nos membros dos grupos dominados - negros (Estudo 1) e mulheres (Estudo 2). Assim, globalmente, os sujeitos-estímulo dos grupos dominados são mais homogeneizados, tanto pelos sujeitos experimentais dos grupos dominantes como pelos sujeitos dos grupos dominados.

Esta homogeneização dos grupos dominados, manifestou-se de forma mais intensa nas mulheres: enquanto os negros apenas manifestaram o *efeito de homogeneidade do ingroup* numa das condições experimentais, as mulheres manifestaram o *efeito de homogeneidade do ingroup* em ambas as condições experimentais. Estes resultados apontam para a homogeneidade universal do grupo feminino *versus* a heterogeneidade do grupo masculino, o que está implícito nos estereótipos sexuais - a especificidade da categoria feminina *versus* a diversidade da categoria masculina (e.g., Amâncio, 1993, 1994).

Globalmente, estes resultados fornecem forte fundamento para a hipótese central deste trabalho, derivada do modelo da dominação simbólica (e.g. Lorenzi-Cioldi, 1988; Lorenzi-Cioldi & Doise, 1994), evidenciando claramente uma assimetria na manifestação do *efeito de homogeneidade do outgroup*, que resulta do estatuto relativo dos grupos envolvidos. Como já referimos, segundo este modelo a pertença grupal é extremamente saliente e cognitivamente acessível para os membros dos grupos dominados. Como consequência da sua posição subordinada, as mulheres e os negros prestam mais atenção a alvos do grupo dos outros - o grupo dominante.

Se os resultados dos homens e dos brancos são comparáveis em termos do *efeito de homogeneidade do outgroup*, visto que ambos os grupos homogeneizam mais o

grupo dos outros (grupo dominado) do que o grupo de pertença (grupo dominante), eles também são comparáveis em termos da identificação com o grupo de pertença. De facto, comparando os resultados obtidos nos dois estudos, verifica-se que ambos os grupos dominantes (brancos e homens) atribuem significativamente menor importância ao seu grupo de pertença do que os grupos dominados (negros e mulheres). Estes resultados também vão ao encontro do modelo da dominação simbólica, que afirma que os membros dos grupos dominados se definem essencialmente em termos da sua pertença grupal enquanto os membros dos grupos dominantes se definem, sobretudo, em termos da sua distintividade e singularidade pessoal, atribuindo pouca importância à sua pertença grupal em termos da definição de si próprios (e.g., Amâncio, 1994; Deschamps, 1982; Lorenzi-Cioldi, 1991).

Como conclusão, podemos salientar a insuficiência dos modelos puramente cognitivos na análise dos enviesamentos que ocorrem na percepção dos grupos sociais e a pertinência da abordagem psicossociológica na explicação dos mesmos.

O objectivo geral desta investigação empírica era uma articulação de níveis de análise no estudo do processamento da informação social. Achamos que este objectivo foi alcançado, na medida em que ficou demonstrado que a consideração dos processos cognitivos e das dinâmicas situacionais é necessária, mas não suficiente para explicar a manifestação assimétrica do *efeito de homogeneidade do outgroup*. Como já referimos, os nossos dados vão claramente ao encontro do modelo da dominação simbólica, confirmando a pertinência do nível de análise ideológico: a identidade social tem um impacto significativo na percepção da variabilidade dos grupos sociais, conduzindo a enviesamentos assimétricos conforme o estatuto relativo dos grupos em presença.

Bibliografia

- Amâncio, L. (1993). Identidade social e relações intergrupais. In J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.) *Psicologia Social*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Amâncio, L. (1994). *Masculino e Feminino: A Construção Social da Diferença*, Porto, Afrontamento.
- Arcuri, L. (1982). Three patterns of social categorization in attribution memory, *European Journal of Social Psychology*, 12, 271-282.
- Deschamps, J-C. (1982). Social identity and relations of power between groups. In: H. Tajfel (Ed.) *Social Identity and Intergroup Relations*, Cambridge University Press.
- Doise, W. (1976-84) *A Articulação Psicossociológica e as Relações entre Grupos*, Lisboa, Moraes Editores (tradução portuguesa de: *L'Articulation Psychosociologique et les Relations entre Groupes*, Bruxelles, Éditions A. de Boeck).
- Doise, W. (1982). *L'Explication en Psychologie Sociale*, Paris, Presses Universitaire de France.
- Doise, W. (1984). Social representations, intergroup experiments and levels of analysis. In: R. Farr & S. Moscovici (Eds.), *Social Representations*, Cambridge University Press.
- Doise, W., & Lorenzi-Cioldi, F. (1989). Patterns of differentiation within and between groups. In: J. P. van Oudenhoven & T. M. Willemsen (Eds.), *Ethnic Minorities: A Social-psychological Perspective*, Amsterdam, Swetz and Zeitlinger.

- Fiske, A. P., Haslam, N., & Fiske, S. T. (1991). Confusing one person with another: What errors reveal about the elementary forms of social relations, *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 656-674.
- Fiske, S. T., & Neuberg, S. L. (1990). A continuum of impression formation, from categorybased to individuating processes: Influence of information and motivation on attention and interpretation. In: M. Zanna (Ed.) *Advances in Experimental Social Psychology*, Vol. 23, San Diego, Academic Press.
- Fiske, S. T., & Stevens, L. E. (1993). What's so special about sex? Gender stereotyping and discrimination. In: S. Oskamp & M. Costanzo (Eds.) *Gender Issues in Contemporary Society*, London, Sage.
- Gilbert, G. M. (1951). Stereotype persistence and change among college students, *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 46, 245-254.
- Hamilton, D. L. (1979). A cognitive-attribitional analysis of stereotyping. In: L. Berkowitz (Ed.) *Advances in Experimental Social Psychology*, Vol. 12, New York, Academic Press.
- Hewstone, M., Hantzi, A., & Johnston, L. (1991). Social categorization and person memory: The pervasiveness of race as an organizing principle, *European Journal of Social Psychology*, 21, 517-528.
- Hurtig, M-C. & Pichevin, M-F. (1995). The sex category system: Two asymmetrically processed social categories. In: L. Amâncio & C. Nogueira (Eds.) *Gender, Management and Science* (no prelo).
- Hurtig, M-C., & Pichevin, M-F. (1990). Salience of the sex category system in person perception: Contextual variations, *Sex Roles*, 22 (5/6), 369-395.

- Judd, C. M., & Park, B. (1988). Outgroup homogeneity: judgements of variability at the individual and group levels, *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 778-788.
- Kashima, E. S., & Kashima, Y. (1993). Perceptions of general variability of social groups, *Social Cognition*, 11, 1-21.
- Katz, D., & Braly, K. W. (1933). Racial stereotypes of one hundred college students, *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 49, 459-468.
- Kraus, S., Ryan, C. S., Judd, C. M., Hastie, R., & Park, B. (1993). Use of mental frequency distributions to represent variability among members of social categories, *Social Cognition*, 11, 22-43.
- Krueger, J. (1992). On the overestimation of between-group differences. In: W. Stroebe & M. Hewstone (Eds.), *European Review of Social Psychology*, Vol. 3, Chichester, John Wiley & Sons.
- Linville, P. W., & Fischer, G. W. (1993). Exemplar and abstraction models of perceived group variability and stereotypicality, *Social Cognition*, 11, 92-125.
- Linville, P. W., Fischer, G. W., & Salovey, P. (1989). Perceived distributions of characteristics of in-group and out-group members: Empirical evidence and a computer simulation, *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 165-188.
- Linville, P. W., Salovey, P., & Fischer, G. W. (1986). Stereotyping and perceived distributions of social characteristics: An application to in-group-out-group perception. In: J. Dovidio & S. L. Gaertner (Eds.), *Prejudice, Discrimination, and Racism*, San Diego, Academic Press.

Lorenzi-Cioldi, F. (1988). *Individus Dominantes et Groups Dominés*, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble.

Lorenzi-Cioldi, F. (1991). Self-stereotyping and self-enhancement in gender groups, *European Journal of Social Psychology*, 21, 403-417.

Lorenzi-Cioldi, F. (1993). They all look alike, but so do we... sometimes: Perceptions of in-group and out-group homogeneity as a function of sex and context, *British Journal of Social Psychology*, 32, 111-124.

Lorenzi-Cioldi, F., & Doise, W. (1990). Levels of analysis and social identity. In: D. Abrams & M. A. Hogg (Eds.), *Social Identity Theory: Constructive and Critical Advances and Research*, London, Harvester.

Lorenzi-Cioldi, F., & Doise, W. (1994). Identité sociale et identité personnelle. In: R. Y. Bourhis & J.-P. Leyens (Eds) *Stéréotypes, Discrimination et Relations Intergroupes*, Liège, Mardaga.

Machado, F. L. (1992). Etnicidade em Portugal: Contrastes e politização, *Sociologia - Problemas e Práticas*, 12, 123-136.

Messick, D. M., & Mackie, D. M. (1989). Intergroup relations, *Annual Review of Psychology*, 40, 45-81.

Mullen, B., & Hu, L. (1989). Perceptions of in-group and out-group variability: A meta-analytic integration, *Basic and Applied Social Psychology*, 10, 233-252.

Oakes, P. J., Haslam, S. A., & Turner, J. C. (1994). *Stereotyping and Social Reality*, Oxford, Blackwell Publishers.

- Ostrom, T. M., Carpenter, S. L., Sedikides, C., & Li, F. (1993). Differential processing of in-group and out-group information, *Journal of Personality and Social Psychology*, 64, 21-34.
- Park, B., & Judd, C. M. (1990). Measures and models of perceived group variability, *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 173-191.
- Park, B., & Rothbart, M. (1982). Perception of out-group homogeneity and levels of social categorization: Memory for the subordinate attributes of in-group and out-group members, *Journal of Personality and Social Psychology*, 42, 1051-1068.
- Park, B., Judd, C. M., & Ryan, C. S. (1991). Social categorization and the representation of variability information. In: W. Stroebe & M. Hewstone (Eds), *European Review of Social Psychology*, Vol. 2, Chichester, Willey.
- Quattrone, G. A. (1986). On the perception of a group's variability. In: S. Worchel & W. Austin (Eds.), *The Psychology of Intergroup Relations* (2nd Ed.), Chicago, Nelson-Hall.
- Quattrone, G. A., & Jones, E. E. (1980). The perception of variability within ingroups and outgroups: Implications for the law of small numbers, *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, 141-152.
- Sedikides, C., & Ostrom, T. M. (1993). Perceptions of group variability: Moving from an uncertain crawl to a purposeful stride, *Social Cognition*, 11, 165-174.
- Simon, B. (1992). The perception of ingroup and outgroup homogeneity: Reintroducing the social context. In: W. Stroebe & M. Hewstone (Eds.), *European Review of Social Psychology*, Vol. 3, Chichester, John Wiley & Sons.

- Snyder, M. (1981). On the self-perpetuating nature of social stereotypes. In: D. Hamilton (Ed.) *Cognitive Processes in Stereotyping and Intergroup Behavior*, Hillsdale, New Jersey, Erlbaum.
- Stangor, C., Lynch, L., Duan, C., & Glass, B. (1992). Categorization of individuals on the basis of multiple social features, *Journal of Personality and Social Psychology*, 62-2, 207-218.
- Tajfel, H. (1972). La catégorisation sociale. In: S. Moscovici (Ed.) *Introduction à la Psychologie Sociale*, Vol. I, Larousse Université.
- Tajfel, H. (1981-83). *Grupos Humanos e Categorias Sociais*, Vol. I e II, Lisboa, Livros Horizonte (tradução portuguesa de: *Human Groups and Social Categories: Studies in Social Psychology*, Cambridge University Press).
- Taylor, S. E., Fiske, S. T., Etcoff, N. L. & Ruderman, A. J. (1978). Categorical bases of person memory and stereotyping, *Journal of Personality and Social Psychology*, 36, 778-793.
- Van Knippenberg, A., Van Twuryver, M., & Pepels, J. (1992). Factors affecting social categorization processes in information overload situations. Artigo apresentado no *Second European Small Group Meeting on Social Cognition*, Abril 1992.

Tabela 1 - Médias dos erros intra e intercategoriais.

<i>Tema</i>	Branços		Negros		Total	
	Intra	Inter	Intra	Inter	Intra	Inter
Relações entre grupos étnicos	3.56 (n = 16)	2.08 (n = 16)	5.20 (n = 15)	1.33 (n = 15)	4.35 (n = 31)	1.72 (n = 31)
Vida académica	2.92 (n = 13)	1.44 (n = 13)	3.75 (n = 12)	2.89 (n = 12)	3.32 (n = 25)	2.13 (n = 25)
Total	3.28 (n = 29)	1.79 (n = 29)	4.56 (n = 27)	2.02 (n = 27)	3.89 (n = 56)	1.90 (n = 56)

Legenda: Intra = erro intracategorial; Inter = erro intercategoriais.

Tabela 2 - Médias dos erros intra-IN e intra-OUT.

<i>Tema</i>	Branços		Negros		Total	
	Intra-IN	Intra-OUT	Intra-IN	Intra-OUT	Intra-IN	Intra-OUT
Relações entre grupos étnicos	1.06 (n = 16)	2.50 (n = 16)	2.47 (n = 15)	2.73 (n = 15)	1.74 (n = 31)	2.61 (n = 31)
Vida académica	.77 (n = 13)	2.15 (n = 13)	2.08 (n = 12)	1.67 (n = 12)	1.40 (n = 25)	1.92 (n = 25)
Total	.93 (n = 29)	2.34 (n = 29)	2.30 (n = 27)	2.26 (n = 27)	1.59 (n = 56)	2.30 (n = 56)

Legenda: Intra-IN = erro intracategorial em relação ao grupo de pertença; Intra-OUT = erro intracategorial em relação ao grupo dos outros.

Tabela 3 - Médias dos erros intra e intercategoriais.

<i>Tema</i>	Homens		Mulheres		Total	
	Intra	Inter	Intra	Inter	Intra	Inter
Namoro	3.00 (n = 15)	1.20 (n = 15)	2.80 (n = 20)	1.13 (n = 20)	2.89 (n = 35)	1.16 (n = 35)
Vida académica	2.92 (n = 25)	1.36 (n = 25)	2.73 (n = 22)	1.27 (n = 22)	2.83 (n = 47)	1.32 (n = 47)
Total	2.95 (n = 40)	1.30 (n = 40)	2.76 (n = 42)	1.21 (n = 42)	2.85 (n = 82)	1.25 (n = 82)

Legenda: Intra = erro intracategorial; Inter = erro intercategoriais.

Tabela 4 - Médias dos erros intracategoriais (intra-IN e intra-OUT).

<i>Tema</i>	Homens		Mulheres		Total	
	Intra-IN	Intra-OUT	Intra-IN	Intra-OUT	Intra-IN	Intra-OUT
Namoro	1.20 (n = 15)	1.80 (n = 15)	1.80 (n = 20)	1.00 (n = 20)	1.54 (n = 35)	1.34 (n = 35)
Vida académica	1.08 (n = 25)	1.84 (n = 25)	1.82 (n = 22)	.91 (n = 22)	1.43 (n = 47)	1.40 (n = 47)
Total	1.13 (n = 40)	1.83 (n = 40)	1.81 (n = 42)	.95 (n = 42)	1.48 (n = 82)	1.38 (n = 82)

Legenda: Intra-IN = erro intracategorial em relação ao grupo de pertença; Intra-OUT = erro intracategorial em relação ao grupo dos outros.